

## **A FAMÍLIA E O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: VÍNCULOS, ESTRATÉGIAS E RECURSOS AFETIVOS**

JÚLIA CAMPOS PEDRO<sup>1</sup>

ANAMARIA SILVA NEVES<sup>2</sup>

### **RESUMO**

1

As infrações à lei cometidas por jovens constituem grave problema social e tem aumento crescente nos índices mundiais. Mesmo os adolescentes sendo passíveis a todas as conseqüências de seus atos infracionais, não estão sujeitos a sofrer de responsabilização penal; cabendo ao adolescente, nesse caso, o cumprimento de medidas socioeducativas, que tem o objetivo aumentar a tentativa de reinserção social e fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares. A fim de conhecer as estratégias de apoio que a família mobiliza ao longo da internação do adolescente em conflito com a lei, os vínculos e os recursos afetivos, foram convidadas a participar da pesquisa cinco famílias, das quais três aceitaram o convite. Foram realizadas entrevistas abertas ou livres com os participantes e analisadas a luz do método psicanalítico interpretativo. Ficou explícito, ao final da pesquisa, a fragilidade da figura concreta do pai ou da precária instalação da função paterna por outro cuidador. Outro aspecto relevante que apareceu foi o envolvimento com as drogas como determinante do ato infracional, além do desamparo sentido pelas famílias quando tem seus filhos institucionalizados. Em linhas gerais, há um amplo número de aspectos que devem ser considerados ao tentar compreender a adolescência e a criminalidade, porém, é na organização familiar que encontramos sustentação para compreendermos o sujeito e seus desejos.

- 
- 1 Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 -Bairro Umuarama, Uberlândia - MG - CEP 38400-902, [contatocampos@hotmail.com](mailto:contatocampos@hotmail.com)
  2. Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 -Bairro Umuarama, Uberlândia - MG - CEP 38400-902, [anamaria@umuarama.ufu.br](mailto:anamaria@umuarama.ufu.br)

Palavras-chave: adolescentes em conflito com a lei; família; instituição; estratégias de apoio

### **ABSTRACT**

The violations of the law committed by youths constitute serious social problem and is increasing in global indices. Even teenagers being subject to all the consequences of their illegal acts are not subject to suffer from criminal liability; fitting adolescents, in this case, the fulfillment of social and educational measures, which aims to increase the social rehabilitation and attempt to strengthen ties community and family. In order to know the strategies of support that family mobilizes along the hospitalization of adolescents in conflict with the law, links and affective resources, five families were invited to participate in the survey, three of which have accepted the invitation. Open and free interviews were conducted with the participants and analyzed by the psychoanalytic method of interpretation. At the end of the study was explicit the fragility of a father figure or poor installation of the paternal function by another caregiver. Another important aspect that appeared was the involvement with drugs as a determinant of the violation, besides the helpless felt by families when their children are institutionalized. In general, there is a large number of aspects that should be considered in the trying of understand adolescence and criminality, however, is in the family organization where is found the support to understand the individual and it desires.

Keywords: adolescents in conflict with the law, family, institution; support strategies

## INTRODUÇÃO

As infrações à lei cometidas por jovens constituem grave problema social e tem aumento crescente nos índices mundiais. De acordo com levantamento realizado pela Subsecretaria de Promoção dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes no Brasil (2004), existem 39.578 adolescentes no sistema socioeducativo, isso significa que, em 1000 jovens com idade entre 12 e 18 anos, dois seriam adolescentes autores de atos infracionais (Conanda, 2006).

Ao percorrer a história é possível identificar quatro representações sociais mais recorrentes sobre a criança e o adolescente, cada uma em dado contexto social e histórico específico: objeto de proteção social no Brasil-Colônia; objeto de controle e de disciplinamento no início do Brasil-República; objeto de repressão social em meados do século XX; e sujeitos de direitos a partir das décadas de 1970 e 1980 do mesmo século (Pinheiro, 2004).

Na atualidade, contamos com o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1991, que reconhece o adolescente como inimputável, isto porque o crime só se caracteriza como tal quando o agente tem pleno discernimento das consequências sociais do seu ato (Simões, 2009). Mesmo os adolescentes sendo passíveis a todas as consequências de seus atos infracionais, não estão sujeitos a sofrer de responsabilização penal; cabendo ao adolescente, nesse caso, o cumprimento de medidas socioeducativas, que tem o objetivo aumentar a tentativa de reinserção social e fortalecimento dos vínculos comunitários e familiares (Francischini & Campos, 2005).

A medida socioeducativa é uma resposta do Estado frente ao ato infracional praticado por adolescentes menores de 18 anos. É uma medida de responsabilização que respeita ou deveria respeitar a condição do adolescente em desenvolvimento e tem o papel de evitar a reincidência do mesmo, sendo desenvolvida em âmbito pedagógico-educativo.

Para Passetti (2004), ainda que o ECA aconselhe a educação do infrator para futuro exercício de sua cidadania e o determina como inimputável, ele permanece sendo considerado como perigoso, oriundo de situações de extrema pobreza, suscetível de cometer atos infracionais graves e, mais uma vez, como delinqüente pelos promotores e juízes que ainda agem determinados pela mentalidade do Código de Menores. Segundo o autor, é inquestionável que o ECA é a mais inovadora legislação para a criança e o adolescente que se formulou no Brasil; contudo, é também inquestionável que a mentalidade jurídica no nosso

país continua penalizadora, predominantemente encarceradora e cada vez mais contrária aos princípios do ECA, disseminando e legitimando a política de tolerância zero. Foi alterada apenas a terminologia que substituiu as penas por medidas socioeducativas, mas o princípio de encarceramento manteve-se inalterado.

A preferência pela internação dos jovens infratores demonstra o fracasso da intenção educativa, enfatizando um sistema que se faz espelhado na prisão de adultos e em que as medidas socioeducativas nada mais são do que a nova face da crueldade com adolescentes pobres. As penas tomam a roupagem de medida socioeducativa e a intenção educativa em confinamento. O fundamental é reduzir a criminalidade pelo controle efetivo e eficiente dos criminosos e, aos menos perigosos, adequam-se regimes de semiliberdade e liberdade assistida. Se no passado, uma guerra geral foi suscitada por denúncias contra a situação das crianças nas fábricas, hoje, as variadas situações que enfrentam crianças e adolescentes (pela penalização, pela economia ilegal, pelo abandono e pela violência cometida contra o corpo mente) violentados caracterizam outra proporção da crueldade (Passeti, 2004).

### **Adolescência, Violência e Psicanálise**

Teoricamente, sociedades democráticas, como a que vivemos se organizam dentro de determinadas regras que asseguram condições iguais a todos. Entretanto, na realidade, as atitudes podem ser completamente opostas gerando o aumento de tensão, humilhando o indivíduo, aumentando a desorganização e o desrespeito e gerando intensas descargas agressivas e frustrações que servem de produção para a violência moral e física. Condição essa fruto da ausência simbólica de pais, ou dito de outra maneira, de um sistema social efetivo e continente das angústias de seus membros (Levisky, 2000).

Winnicott (1984) apresenta sua contribuição ao tema ao tratar do comportamento antissocial. Ele distingue duas formas de privação (perda de um ambiente suficientemente bom): a privação da figura materna (o objeto primário), que está ligada à perda da adaptação às necessidades egóicas e que é representada a posteriori pelo roubo (tecnicamente, ‘furto’, seria o termo mais preciso), indicando que há uma busca inconsciente do objeto; e a privação da figura paterna (do limite) – em um tempo posterior, ligada às necessidades instintivas, ao ser perdido o ambiente (julgado, ilusoriamente, indestrutível), é representada pela destrutividade, desencadeada para obrigar o ambiente externo a reagir.

Nos dois casos, a criança comporta-se como se estivesse ‘vingando’ do fato de que algo que ela considerava vital lhe foi ‘roubado’. O comportamento antissocial se caracteriza por atuações que escondem dentro de si um pedido de socorro.

Winnicott (1984) estabelece diferenças entre tendência antissocial e delinquência, apesar de ambas terem a privação em sua gênese. Na tendência antissocial, o aspecto mais relevante é que o ato antissocial visa um ganho primário: resgatar o que foi retirado. É uma viagem “em busca do objeto perdido”. A delinquência, por sua vez, implica uma defesa antissocial mais organizada e sobrecarregada de ganhos secundários. O ganho primário, isto é, a busca da maternagem, deixa de ser relevante, perde-se o vínculo com o objeto e, conseqüentemente, a culpa passa a ser imputada ao ambiente. Não é apenas reaver o objeto perdido, é também o domínio, o poder sobre uma experiência anterior reeditada, por meio do ato repetitivo. O ambiente lhe deve e o que importa são os benefícios do delito. O autor afirma que todo ato antissocial comporta ainda o significado de uma esperança de conseguir retornar ao estado anterior ao da perda, e de não sofrer mais a ameaça da ansiedade impensável.

Já Levisky (2000), ao caracterizar a violência dentro do contexto do processo de identificação, considera essa como uma reação conseqüente a um sentimento de advertência ou esgotamento da capacidade psíquica em tolerar o conjunto de pressões internas e externas a que está contida.

Na adolescência há uma ampliação das relações interpessoais deixando de ser exclusivas ao âmbito familiar. Mas, no caso dos adolescentes de classe baixa, o processo ocorre de forma diferente, uma vez que ao tentar achar um lugar na sociedade eles esbarram em uma realidade que os exclui. Perante esta exclusão, muitos desses adolescentes desenvolvem uma forma singular de fazer o laço social, por via do ato infracional. Sendo assim, o comportamento infracional pode ser visto como uma tentativa de inclusão no contexto social do qual é expulso, ou seja, “o sujeito pode transgredir a lei como forma de inscrever-se nela” (Garcia, 2000, p. 46).

É importante salientar que, de acordo com Levisky (2000), a delinquência nas classes media e alta possuem configurações diferentes daquela da classe baixa, operária e, muitas vezes, fica ocultada pelo poder econômico, que cala os processos judiciais na tentativa de preterir as desorganizações familiares cada vez mais presentes. Essas injustiças vão rebaixando a auto-estima, vão atormentando a tolerância, a confiança nos sistemas, aumentando o espaço para a violência que passa a ser o berro desesperado, um sinal de vida, um grito de esperança.

Para Violante (2000), aqueles considerados excluídos socialmente nada mais são do que parte integrante da sociedade, estão longe de estar fora dessa, constituem produto histórico de sua lógica perversa por meio do qual a sociedade determina e distribui suas riquezas. No caso, não se trata de minorias, visto que a maioria da população brasileira vive em estado de pobreza. Primeiramente, a exclusão incide em impor a amplas parcelas da população sobreviver na condição da necessidade e do imediato, faltando-lhes as condições materiais básicas de existência e, conseqüentemente, afastando-as do acesso aos bens culturais. Estes mecanismos podem ser perversos à medida que, no plano do discurso, conhece-se a lei que expressa direitos iguais a todos, conforme a Constituição de 1988, ao mesmo tempo em que ela é contraditória, por não se poder encobrir o fato discriminação e da opressão e da existência dos que a própria Constituição designa de “desamparados”.

Para Freire (1986), a violência é uma peculiaridade do viver em sociedade, é como uma negociação, uma vez que através da utilização da força ou da agressividade objetiva encontrar soluções para conflitos que não são resolvidos pelo dialogo e pela cooperação.

A idéia de que os adolescentes infratores são fruto de famílias desestruturadas permeou a ideologia dos séculos anteriores esse faz presente até a atualidade. A Psicanálise frisa a importância de se considerar a singularidade de cada caso, uma vez que determinados eventos influenciarão na vida do sujeito dependendo da maneira como o sujeito apropria desses acontecimentos. Dessa forma, a inexistência da figura concreta do pai pode ou não incidir no comportamento infracional e cada adolescente será tocado de maneira peculiar (Vorcaro, Mazzini & Monteiro, 2008).

Além da possível influência que a ausência da figura concreta do pai, a precariedade do meio social em que os jovens estão inseridos é outro fator que faz parte da vida dos adolescentes. Um aspecto fundamental a ser considerado para a discussão dos adolescentes em conflito com a lei é a forma como cada um deles se apropria subjetivamente do contexto social em que está introduzido. No período da adolescência, há uma continuação da constituição do sujeito com recursos diferentes dos que ele tinha na infância devido a maior possibilidade de realizar escolhas e à inserção mais concreta no campo social (Vorcaro, Mazzini & Monteiro, 2008).

Isso leva a pensar que se a esses adolescentes não fosse exigido a responder pelo seu ato nunca seriam assistidos. Calligaris (2000) afirma que o adolescente força sua integração na comunidade opondo-se às regras da mesma. Segundo o autor, o adolescente pode encontrar no ato infracional uma forma de metaforizar algum desejo parental que não ocorreu durante a

vida e que acabou sofrendo repressão. Então, é possível de compreender o ato infracional como tentativa, mesmo que sem sucesso, de fazer laço social.

Por outro lado, é possível encontrar formulações que imputam o comportamento infracional juvenil a uma falha na inscrição do Nome-do-Pai no processo de desenvolvimento dos indivíduos. Ao atribuir essa falha atribui-se também uma psicopatologia (tendência anti-social, delinquência) aos jovens autores de ato infracionais que os coloca fora do laço social. Portanto, para Vorcaro et. al. (2008), tratar a criminalidade juvenil apenas do ponto de vista de uma falha na inscrição do Nome-do-Pai é restringir os múltiplos fatores que estão envolvidos nessa problemática, ou seja, são vários os aspectos, tanto psicológicos como sociais, que levam o adolescente a transgredir a lei.

A agilidade e a transitoriedade dos valores na nossa sociedade provocam inconstância, insegurança e beneficiam as descargas impulsivas, passando essas a fazer parte do cotidiano. A massividade das transformações dos padrões que governam os hábitos, normas e costumes, por meio de seus códigos de ética, menosprezando a habilidade reflexiva, perceptiva, o senso crítico e a repressão ativa dos impulsos não desejáveis para a vida social. O elemento violência, nas suas mais variadas formas de expressão, está fazendo parte dos modelos identificatórios, como modelo e forma de auto-afirmação nesta sociedade (Levisky, 2000).

### **Família: significados e disposições**

As relações atuais que unem as redes de parentesco são distintas estruturalmente daquelas do passado. Segundo o censo demográfico de 2010, o modelo tradicional de família, composta por marido, esposa e filhos não mais reina absoluto nos lares brasileiros, está presente em 49,9%, diferente de 1980 que somava 75%.

Neves (2008) argumenta que a família não se fecha em uma única definição, ela é uma unidade dinâmica, um espaço de convivência essencial ao desenvolvimento dos sujeitos, um grupo social; entretanto, tem características e funções próprias, que são historicamente discutidas e redefinidas. A família é primordial no que se refere ao desenvolvimento de sujeitos psíquicos, assim como na formação ideológica dos cidadãos que dela fazem parte.

Para Lacan (1987, p.15) “entre todos os grupos humanos a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura (...). Mais amplamente, ela transmite estruturas de comportamento e de representação, cujo jogo ultrapassa os limites da consciência”.

Segundo Osório (1996), o significado da palavra família no vocábulo latino, significa servo ou escravo, transmitindo a natureza possessiva dos vínculos familiares entre os povos

primitivos, considerando que as concepções de poder e posse estão ligadas às origens da família e sua constituição como grupo. Já Lasch (1991), em seu livro “Refúgio num mundo sem coração”, alega que a família atual é produto da ação humana e do controle social e não de forças sociais abstratas, assinalando a família como agente de socialização que reproduz, que repete padrões culturais no indivíduo.

Familiar, em família, da família, familiarizado, de família são todas, compreensões espalhadas de um lugar simbolicamente posto, um abrigo onde se coloca em cena romances trágicos, aventureiros, felizes, dramáticos e contraditórios, com personagens amados e odiados concomitantemente. Além de ser uma representação, a família também é um grupo de convívio que se estabelece de acordo com diversos arranjos e se dá em diferentes versões (Neves, 2008).

Conforme Kehl (2001) há uma tendência de dividir a família em seus papéis tradicionais – pai, mãe, filhos – mas não essencialmente estes papéis são exercidos pelas pessoas que, na composição de parentesco, correspondem a pai, mãe e filhos. É válido pensar que se existir de alguma forma um pai que faça sua função da lei e uma mãe que faça sua função de acolhedora, a família estrutura edipicamente o sujeito e, é nesta estrutura que a criança vai se constituindo sobre o desejo do outro, ou seja, é no atravessamento edípico que o indivíduo vai se sexuar como homem ou como mulher. Necessário se faz a desidealização de que família estável e estruturada é necessariamente um lugar que produz conforto psíquico e boa formação para os filhos.

### **Família e desejo**

Em sua obra *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) alega que as exigências pulsionais que se repetem e desorganizam o indivíduo, por um lado, e as limitações da cultura que tentam domesticá-lo, por outro, suscitam uma fonte de mal-estar constante, fatal e intrínseca ao percurso de todo sujeito, estando em sua vida, no amor, na profissão, no sexo e na família. O sujeito, por vezes, deposita esse incômodo no outro e a mulher, o marido, os filhos são culpados por suas aflições.

Para Caram et. al. (2003), nas famílias, ora os sujeitos se colocam tão próximos que se perdem no outro, ora se distanciam demais, criando uma ruptura nas relações. As relações humanas, constantemente afetadas pelo mal-estar, são marcadas por encontros sempre faltosos e o amor e as relações familiares não completam e não preenchem tal lacuna. Há uma constante busca de garantia ilusória, como a decisão de ter um filho para suprir um lugar de



falta. Essa é a face ilusória do amor, a completude, a simetria entre sujeito e objeto, entre amado e amante.

Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, p.229) diz que: “o encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele”, ou seja, o amor apresenta essa característica de repetição e, o autor ainda diz na obra *Psicologia das massas e análise do eu* (1920) que o traço que se repete no primeiro, no segundo e nos sucessivos parceiros da história de um sujeito, não é nada mais do que ele mesmo em versões diversas. O sujeito é o indicador comum dos objetos amados e perdidos no trajeto da vida, é o traço unitário. Assim, o interjogo das fantasias interfere de forma decisiva em uma família, pois um sujeito suscita algo, toca e dá corpo à fantasia do outro, apresentando-se como “objeto causa de desejo”.

Não há desejo sem lei. Ao se tratar da estrutura familiar é verificável que em qualquer família vai haver leis e normas que regulam sua organização, existindo sempre um elemento interditor no alicerce do seu funcionamento. Como nos diz Lacan (1987), o pai aparece fazendo a lei para a mãe. Se por algum motivo isso falha, a criança fica presa a uma relação funesta com a mãe, expondo o fracasso da função paterna.

Para que o indivíduo possa escrever as marcas da sua própria história, é necessário que as figuras paternas possam morrer simbolicamente para ele, tirando-as de sua onipotência primeira e, inscrevendo, assim, a experiência de perda e castração. Para que se inscreva simbolicamente a figura do pai no psiquismo da criança, o pai onipotente precisa ser “assassinado” pela própria criança (Melgaço, 2003). É disso que Freud (1913) fala em *Totem e Tabu*, quando propõe que a paternidade se constrói na figura transcendente do pai morto, lugar onde se funda a cultura. O totem representa o lugar do pai vazio e virtual, simbolizando a sua presença, ao mesmo tempo em que realça sua ausência.

Por vezes, afirmam Melgaço (2003), que muitas famílias apresentam sob a forma de conflito a falha das condições estruturantes, impedindo o funcionamento da circulação do desejo entre seus membros e, sabendo que o desejo movimenta o aparelho psíquico, o seu aprisionamento pode apresentar-se através de saídas sintomáticas. No presente trabalho interessa pensar o lugar da violência na família.

### **O processo de formação da família**

A instituição da família é por si só uma composição de outras duas, a mãe e a família da esposa, e o pai e a família do marido. Quando acontece o nascimento de um filho, a dinâmica de um relacionamento, anteriormente a dois, que era influenciado por figuras

parentais internas, modifica-se e torna-se parte de uma realidade agora externa. Com o nascimento, ou até mesmo com a concepção do triângulo, se forma no mundo externo o que já pode ser parte de um triângulo interno ou fantasia partilhada pelo casal. Dito de outra forma, agora é um triângulo observável, diferente daquele cuja realidade é em grande parte interna (Wadelly, 1994).

Para alguns autores, a entrada de um filho modifica a formação de casal para família e pode trazer aspectos do relacionamento entre os pais antes não experienciados da mesma forma. Pode despertar em cada um não só sentimentos protetores, amorosos, afetuosos, mas também sentimentos infantis e dependentes, de forma que a dissimetria aparente entre o adulto forte e o bebê frágil e desamparado não será a única nem a mais importante das diferenças formativas (Wadelly, 1994).

Em seu artigo, *Sobre a identificação*, Melanie Klein (1995) afirma que não são somente as partes más e destrutivas que são projetadas nos outros, mas as boas também. A autora apresenta o termo identificação projetiva e o descreve como um mecanismo ligado aos processos de desenvolvimento, que tem seu início durante os primeiros meses de vida e que funciona como um mecanismo de defesa contra a ansiedade a partir da cisão das partes más do self. Conforme a referida autora argumenta, existe um processo bilateral em que o filho está propenso a ser um objeto para as projeções dos pais e vice versa. Frequentemente, as circunstâncias mais primitivas do bebê são determinadas pelo que seus pais, e principalmente a mãe, trazem para a situação, e suas potencialidades em diferenciar sentimentos infantis e adultos.

Conforme Wadelly (1994), a identificação projetiva pode ter múltiplos objetivos. O sujeito pode, por um lado, lançar mão desse mecanismo para transferir sentimentos a outrem com a finalidade de serem compreendidos; pode, por outro lado, funcionar como uma forma de controle na tentativa de fazer outra pessoa experimentar o que se está sentindo e, assim, poder se apoderar dela; e, ainda, pode ser usado como uma forma de expulsar ou rejeitar sentimentos e pensamentos maus, conseguindo outros sujeitos para assumir a responsabilidades por eles; em outras palavras, defensivamente, com a finalidade de evitar conflito excessivo com o ego individual ou entre parceiros em um relacionamento.

Ao adentrar o tema sobre o processo de formação da família, sua dinâmica e o mecanismo identificação projetiva inerente às relações familiares, faz-se mister abordamos sobre a questão da herança psíquica.

Os processos de transmissão psíquica estão inscritos nos espaços intersubjetivos, intercalando as relações dos sujeitos. Os indivíduos nascem inseridos em um espaço e tempo

de determinada geração, onde se tem a presença de uma pré-história daquele grupo familiar (Kaës, 1998; Eiguer, 1998; Correa, 2003) que sustenta e mantém a rede de investimentos e cuidados para com o sujeito.

Conforme Pinheiro (2008), o grupo “predispõe de signos de reconhecimento, apresenta os objetos, oferece os meios de proteção e de ataque, traça as vias da realização, assinala os limites, enuncia os interditos” (pp. 69-70). É neste ambiente, no qual as transmissões psíquicas tornam-se prováveis, com diversos elementos transportados entre as gerações precedentes, que os indivíduos compõem o psiquismo.

Kaës (1998) postula que, aquilo que se transmite ao outro, via mecanismo de identificação, são “configurações de objetos psíquicos” de remotas origens, as quais produzem o modo como o objeto será transmitido. O autor frisa que muitos objetos são assinalados pelo negativo e, sendo assim, aquilo que se transmite, seria de preferência, aquilo que não contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos e ainda enlutados.

Contudo, a transmissão psíquica não é rodeada apenas de conteúdos negativos, mas é também composta de conteúdos que sustentam as continuidades narcísicas, os vínculos intersubjetivos e a permanência da complexidade e da vida. Estes conteúdos a que se faz menção são os mecanismos de defesa, ideais, identificações, dúvidas, certezas (Kaës, 1998).

Os fenômenos transgeracionais ocorrem de duas formas, a saber: há a transmissão transgeracional, em que a herança psíquica é transposta ao sujeito pelas gerações precedentes e, a transmissão intergeracional, em que a transmissão psíquica acontece em meio às gerações. A primeira faz referência a um material psíquico inconsciente, que atravessa várias gerações sem ter podido ser transformado e simbolizado, deixando lacunas e vazios na transmissão e impedindo uma integração psíquica. Uma vez não elaborados esses elementos estouram nos herdeiros, cruzando o espaço psíquico sem apropriação possível. A segunda agrupa todo o conteúdo que é transmitido de uma geração para a outra acompanhado de algumas modificações ou transformações. Dessa maneira, a herança psíquica é construída de vivências psíquicas elaboradas como as identificações, identificações, imagos que formam uma história familiar.

Para Silva (2003), a transmissão dos objetos transgeracionais e intergeracionais acontece via mecanismos de identificação e, principalmente, por meio da identificação projetiva.

Estes aspectos relativos à transmissão psíquica transgeracional compõem as relações familiares e grupais, até mesmo as funções parentais, podendo comprometer a capacidade dos

pais de lidarem com as ansiedades iniciais do bebê, abrindo condições, a partir destes traumas iniciais, para esta modalidade de transmissão psíquica instalar-se (Trachtenberg, 2005).

Quando não há espaço para a criança diferenciar-se das figuras parentais com suas particularidades, acontece a superposição de gerações, um fenômeno denominado de telescopagem de gerações. A criança pode se tornar depositária da história dos pais uma vez que as próprias figuras parentais se apropriariam da subjetividade do filho, tornando o sujeito refém das experiências dos antepassados (Faimberg, 2001).

Considerando as premissas teóricas abordadas até aqui, o presente artigo objetiva discorrer sobre as estratégias afetivas que a família mobiliza ao longo da internação do filho adolescente – a partir das entrevistas realizadas com famílias de adolescentes em conflito com a lei. Interessa interpretar o ato infracional e as repercussões deste no bojo da organização familiar e identificar as intervenções institucionais quanto à manutenção do vínculo família-adolescente em conflito com a lei ao longo do processo de internação.

## **MATERIAL E MÉTODO**

A pesquisa em questão recebeu autorização do Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia - protocolo 344/11, e do Comitê de Ética do órgão responsável por elaborar e coordenar a política de atendimento ao autor de ato infracional. Foi uma pesquisa marcada profundamente pelas interferências institucionais. O processo que envolveu a submissão do projeto até sua aprovação pelos comitês foi extremamente desgastante. O processo escancarou a dificuldade das instituições que estão ligadas à violência de abrir as portas para que o tema seja buscado, discutido e pensado. A burocratização do processo se fez tão nítida e de certa forma cruel que foi possível vivenciar o quanto abrir para possibilidades parece ameaçar a ordem, uma vez que a lógica institucional passa a ser criticada.

Entre o período de abril de 2011 e fevereiro de 2012, fui estagiária em um centro socioeducativo para adolescentes em conflito com a lei. Nesse período, acompanhei alguns adolescentes que cumpriam medida de internação realizando grupos terapêuticos e atendimentos individuais. Ao concluir o estágio, iniciei a presente pesquisa envolvendo famílias de adolescentes com os quais estabeleci vínculos naquela instituição.

Das cinco famílias convidadas, três concordaram em participar da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e, após serem transcritas, foram desgravadas. A interpretação psicanalítica foi o método utilizado nesta pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Família 1 – *O desamparo e a procura de cuidados***

#### **Felipe e eu na instituição**

Felipe é um adolescente de 18 anos de idade, mora na casa da mãe junto com mais três irmãos, um de 19 anos, outro de 16 anos e uma irmã de 13 anos. Felipe terminou a 8ª série dentro do centro socioeducativo e chegou a iniciar o 1º colegial quando foi liberado, mas não completou, pois foi novamente levado para lá. Faz uso de maconha e tabaco todos os dias, e álcool nos finais de semana, quando vai às festas. Conta que iniciou o uso dessas drogas com quatorze anos e que já teve problemas na escola devido ao uso. Ele teve três passagens pela unidade socioeducativa, todas por roubo.

É um adolescente extremamente comunicativo e participativo nos grupos terapêuticos que eu realizava com alguns dos adolescentes internado no centro socioeducativo, quando Felipe sempre se mostrava entusiasmado, comentava sobre as falas dos colegas; mas também brincava muito, fugia do tema e às vezes me constrangia com algumas brincadeiras de cunho sexual. Falava usando muitas gírias, se dirigia aos outros colegas do grupo usando apelidos e sempre dizia que aqueles momentos em que estávamos juntos ali eram os melhores do dia.

Em suas falas parecia ser muito impulsivo e, por vezes, inconseqüente. Contava sobre fazer as coisas sem pensar, dizendo não se preocupar se suas atitudes iriam de alguma forma influenciar os outros, sempre fazendo aquilo que tinha vontade. Apesar dessas palavras, Felipe foi um adolescente muito acolhedor, que me fazia sentir importante e útil com meu trabalho.

Felipe dizia ser feliz com o seu modo de vida e chegou a relatar algumas vezes que não pretendia mudar. Dizia que gostava da vida dele como ela era fora da instituição que não tinha nenhum objetivo de mudança, e que tinha escolhido aquela vida. Explicava: “Depois que você entra no mundo do crime é muito difícil sair”. Contava que seus amigos usavam drogas, traficavam e que já tinham sido presos, mas que o fato dele usar e às vezes vender não tinha nada a ver com os amigos, que ele nunca foi convencido a fazer nada que não quisesse.

Estava sempre presente nas falas de Felipe a questão da sexualidade. Ele dizia que sentia muita falta de ter relações sexuais, por isso falava muito em mulheres, sexo, festas,

assim como a maioria dos adolescentes. Comentava raramente sobre sua família, falava mais das namoradas, das drogas, da vida na rua, querendo sempre passar uma impressão que ele tinha o controle da sua vida.

### **Histórias de uma família**

Quando eu procurava pela casa, a primeira impressão que tive era que se tratava de um bairro com casas boas, contrariando a idéia que eu havia construído sobre o local. Mas, ao encontrar a casa de Felipe percebi uma grande dissonância entre as casas da rua e a sua, uma casa bem simples, com um portão de ferro velho e aberto, com o muro baixo e a entrada de terra. No corredor de terra da entrada, tinha mato nas laterais e um carro bem velho e antigo estacionado. Como o portão estava aberto fui entrando e logo vi que Felipe estava no quintal, fumando um cigarro. Ao me identificar, logo veio em direção a mim e disse para entrar. Perguntou como eu estava e foi chamar sua mãe, Janaína, que ainda estava deitada porque, como ela mesma disse, aquele dia era folga no serviço e ela sempre aproveitava para acordar mais tarde. Cheguei a me espantar quando a vi, pois imaginava que ela fosse mais velha, mas pelo contrário, é ainda jovem. Apresentamos-nos, conversamos um pouco lá no quintal e, junto com Felipe, ela me convidou para ir para sala, muito simpática e acolhedora.

A partir da fala da mãe a família vai se desenhando para mim. A família de Felipe se forma com a mãe e quatro filhos. Janaína teve o primeiro filho com apenas quatorze anos e, desde que iniciou o seu envolvimento com o pai dos meninos, sofreu com a não aceitação de sua sogra. Posso perceber na fala Janaína que isso a deixava muito desconfortável e acabava se sentindo menosprezada, pois a sogra achava que ela não era a mulher ideal para o filho. Apesar da rejeição, Janaína viveu com a sogra e cuidou dela quando esta estava doente. A história de rejeição aparece novamente na fala de Janaína quando se refere à sua relação com a mãe.

É com muito pesar e com o olho marejado de lágrimas que ela conta sobre sua mãe. Fala que foi sempre muito difícil a convivência entre elas e a violência imperava no relacionamento conturbado. Ela relata episódios de negligência como certa vez, ainda criança, quando cortou a mão, a mãe não deu a mínima atenção, e quem a levou para o hospital foi uma vizinha. Janaína conta que teve que começar trabalhar muito cedo, pois a mãe a obrigava e que, além disso, a mãe era alcoólatra e vivia em brigas com o padrasto.

Ao longo da conversa com Janaína está presente a tentativa de ser uma mãe diferente daquele modelo aprendido e vivenciado, mas muitos dramas, histórias, faltas, vergonha, dores

parecem se repetir de uma geração para outra. Como diz Eiguer (1998), aquilo que não é transformado e simbolizado deixa lacunas que derramam sobre os herdeiros.

O desejo de fazer tudo pelos filhos na tentativa de suprir uma falta que é dela mesma permeia grande parte do seu discurso. Janaína diz: “O que eu posso fazer para os meus filhos eu faço, mesmo eles me dando muito trabalho. Eu falo para eles que a única coisa que eu tenho são eles, independente de se envolver com drogas, roubar, se matar, eles são meus...”

A história de Janaína é marcada pela falta de cuidados e o casamento pareceu representar um movimento de procura por alguém que cuidasse e substituísse, de alguma forma, aquela mãe indiferente e o pai ausente, que ela não conheceu. Janaína e Fernando viveram muito tempo juntos até que Janaína decidiu se separar. Ela conta que ele passou a beber muito, chegava em casa tarde, bêbado, às vezes agressivo. Percebi que ela não conseguia falar sobre o ex-marido, da relação deles com os filhos. Sempre que eu fazia alguma pergunta em relação a ele, ela rapidamente respondia, não aprofundava e já mudava de assunto.

Janaína deixa claro suas tentativas de ter uma família “estruturada” como ela mesma diz, mas ela não compreende o envolvimento dos filhos com as drogas, e sofre muito com a situação. Parece que tal envolvimento a permite entrar em contato com suas possíveis falhas na tentativa desesperada de romper com o ciclo de abandono e sofrimento da família. Ela relembra:

Quando eu cheguei lá na delegacia ele chorou igual um bebezinho, me tira daqui, me tira daqui mãe. Aí você já desmonta um pouco porque é um pedaço seu que tá ali (...) Enquanto ele não me obedecer, não me escutar, ele vai quebrar a cara. E assim, por mais que eu fale que eu não vou acudir, não tem como, porque eu fico imaginando será que ele tá bem, será que vão bater nele, será que ele tá precisando de alguma coisa” (...) O Felipe assim, sempre foi o mais problemático, que me deu mais trabalho. O Felipe sempre deu problema, desde quando ele nasceu. Os outros não, mas o Felipe desde novinho, sempre tem um né, a ovelha negra da casa (risos)..

Janaína conta que Felipe tinha quinze dias de idade e ela o levou ao médico e pediu para ele passar um sonífero para a criança dormir, porque Felipe chorava muito e que um dia deu um “coro” nele, porque ele não deixava o pai dormir a noite: “Eu dei um coro no Felipe (risos). Não porque assim, você fica estressada, não dorme, e ele nasceu com bronquite, então

dava uma hora da manha a gente tava indo pra UAI com esse menino, eu falei que isso não era vida não (risos).”

Fica claro que o Felipe é aquele que denuncia os problemas da família, clamando por estado afetivo de cuidado, atenção e zelo que não fazia parte do repertório daquele espaço. É aquele que desde bebê incomoda com o choro, com as doenças e que agora incomoda com a ligação com o crime, incomoda com a falta de perspectiva de vida. E, Janaína se sente essa culpada, ela diz: “Eu fiz, eu tenho que cuidar”. Janaina conta que quando os filhos ainda eram bebês ela não trabalhava fora e que ficava por conta de cuidar deles e da casa. Conta que os levava e buscava da escola e que ficava o tempo todo com eles, mas que com os problemas do marido (gastar o salário com a bebida e não ajudar em casa), Janaína teve que começar a trabalhar fora de casa.

Esses acontecimentos podem ser relacionados com a teoria de Winnicott (1984) sobre a delinquência e a deprivação. O autor acredita que a criança, quando perde por algum motivo o ambiente bom e acolhedor que ela tinha, ou seja, passa pela deprivação, ela sofre com essa perda e busca em um momento posterior recompensá-la e, essa busca inconsciente pelo objeto perdido vem traduzida pelo roubo, pelo furto. Como diz Winnicott: a criança comporta-se como se estivesse se “vingando” do fato de que algo que ela considerava vital lhe foi “roubado”. O comportamento antissocial se caracteriza por atuações que escondem dentro de si um pedido de socorro.

Não foram poucas as vezes que, durante nossas conversas, Janaína comenta o fato de achar que Felipe cresceu apenas no tamanho, mas que continua sendo uma criança, que não leva a sério as coisas da vida. E essa é a sensação suscitada também como o contato que tive com ele durante quase um ano na instituição. Infantilizado e fixado a uma condição de dependência afetiva e pouco discernimento.

Janaína tentava contar de sua condição de mulher guerreira, que luta diariamente para educar e dar para os seus filhos o melhor. Demonstra que apesar de todo sofrimento e dificuldade com os filhos nunca vai deixá-los de lado, porque sente a responsabilidade que tem de zelar por eles. Em alguns momentos ela tenta dividir com o pai a culpa por ter falhado de alguma forma com os filhos quando diz: “O Carlos (filho mais novo) é mais ajuizado, mas é ignorante também, eles puxaram muito o pai deles”. Ela torce para que seus filhos conheçam alguém do bem, se casem um dia, e tenham uma família melhor estruturada do que a dela, na esperança de que essa história mude, numa ilusão de que caminhos melhores esperam por eles enquanto família.



A mãe e os filhos têm pouco contato com o pai, e este não oferece nenhum tipo de ajuda. Parece que os filhos nutrem um sentimento de proteção e posse muito grande pela mãe, e não aceitam que a mãe tenha nenhum envolvimento com qualquer homem. Janaína conta sobre essas atitudes dos meninos com certa indignação, mas, ao mesmo tempo, com contentamento. Indignação por acreditar que ela precisa de um companheiro e que tem direito a isso, mas por outro lado entende a atitude dos seus filhos como demonstração de amor por ela.

## **Família 2 – *Onde foi que eu errei?***

### **A minha história com Mateus na Instituição**

Mateus é um adolescente de quinze anos de idade, que vive com sua mãe, seu irmão Cássio, de dezesseis anos, e sua irmã Bruna, de quatro anos. Cássio também já teve envolvimento com o crime e ficou internado no centro socioeducativo da cidade.

Mateus não concluiu o sexto ano do ensino fundamental. É um adolescente extremamente calado e reservado. Durante os encontros de grupo, Mateus não participava de quase nada, só falava quando era questionado. Por ser um dos adolescentes mais novos internados na unidade (na época ele tinha 14 anos) parecia que preferia não se expor, até mesmo como uma forma de ser melhor aceito pelo grupo, pelos mais “experientes” e para não se comprometer de alguma forma. Com essa dificuldade, Mateus também recusou atendimento individual quando os grupos encerraram.

Mateus fazia uso da maconha e do tabaco todos os dias. Seu uso iniciou quando tinha doze anos e acredita como a maioria, que tem controle sobre seu uso, e que pode parar quando quiser.

Nos encontros demonstra, em algumas poucas falas e comportamentos, certa indiferença quanto às consequências dos seus atos. Não demonstrava se incomodar muito com os outros e se o que ele fazia de alguma forma atingia negativamente outrem, sem arrependimento ou sentimento de culpa, assim como Felipe. Para Freud, o sentimento de culpa tem caráter eminentemente social por sugerir a hipótese que tal sentimento surge simultaneamente com o superego, herdeiro do complexo de Édipo. Nesse sentido, o sentimento de culpa ocupa um lugar essencial na articulação da vida individual com o convívio social, ele é necessário à organização social, como característica fundadora dos laços sociais.

Mateus tenta dizer que não está infeliz com seu modo de vida, pelo contrário, afirma que não pensa em abandonar o tráfico, porque acredita que já está muito envolvido e porque, de certa forma, é um “trabalho fácil”.

### **Uma família e suas histórias**

No contato com sua mãe, Sandra, foi combinado que a nossa entrevista seria à noite, pois ela estaria de folga do serviço. Como cheguei alguns minutos mais cedo, fiquei na porta da casa aguardando o horário. A rua parecia tranqüila, com casas boas e grandes, inclusive a de Sandra. Toquei a campainha e ela veio me atender junto com sua filha. Ela me pareceu cansada, abatida e triste.

A casa tem um quintal espaçoso e a casa fica mais ao fundo. O mato no quintal estava alto e ela me explicou que ainda não tinha limpado, pois fazia poucos dias que haviam mudado para aquela casa. Entramos e fomos para a sala. Tinha colchão, roupas, sapatos e caixas na sala por causa da mudança.

Os dois filhos estavam no quarto assistindo televisão e ela os chamou para irem até a sala para me cumprimentar. Mateus foi, mas Cássio não. Bruna ficou o tempo todo conosco na sala durante a entrevista. Em muitos momentos chegou a atrapalhar, ficava conversando, desviando o assunto e fazendo barulho. Em determinado momento, Bruna viu Sandra chorar e perguntou o porquê que ela estava chorando, Sandra disse que era porque ela estava triste e pediu para Mateus a levar para o quarto para não ficar ali na sala.

Foi perceptível sua tristeza, tanto pelo seu rosto abatido como pela conversa. Sandra chorou durante quase toda a entrevista. O desgosto pelas atitudes dos seus filhos (ambos estiveram internados no centro socioeducativo) se faz presente, deixando-a extremamente amargurada e aborrecida.

Sandra conta que se separou do pai dos meninos há cinco anos porque ele começou a beber, chegar tarde em casa, a trair e ficar agressivo. Ela conta que no começo do casamento ele não bebia, tinham uma vida bem tranqüila. Ele era um bom pai, levava os meninos para passear, pagava na escola, no esporte, ajudava na educação e era até muito permissivo. Conta que os meninos se davam bem com o pai.

Sandra destaca que o pai das crianças era muito permissivo, deixava os meninos fazerem o que quisessem. Isso nos remete a reflexão da função paterna da triangulação do Édipo que é a de instalar a lei, a ordem. No contexto da organização psíquica, a lei se apresenta como algo de extrema importância, pois o limite que ela estabelece estrutura o sujeito enquanto ser de linguagem, inserido na cultura. Uma vez que a criança se estrutura no

Édipo, mas não tem o pai ou nenhum cuidador para exercer a função paterna – o pai é geralmente o representante da lei, mas não seu guardião - a criança não internaliza a lei, o que pode levar ao surgimento de questões relativas às transgressões. A função do pai se apresenta como estruturante, porque insere o sujeito no mundo da renúncia, dos limites, da castração.

Contudo, recorremos ainda a Vorcaro et. al. (2008), que aponta como a noção de que os adolescentes infratores são obras de famílias desestruturadas esteve presente na ideologia dos séculos anteriores e se faz presente até hoje. A Psicanálise, segundo os autores, assinala a importância de se considerar a singularidade de cada caso, uma vez que determinados eventos influenciarão na vida do sujeito dependendo da maneira como o sujeito apropria desses acontecimentos. Sendo assim, a inexistência da figura concreta do pai pode ou não incidir no comportamento infracional e cada adolescente será influenciado de maneira única.

Sandra fala que sua família mora toda em outro estado e sempre foi muito unida. Diz que seus pais sempre fizeram o melhor para ela e seus irmãos e que sente muita saudade de todos.

Sandra conta que um dia o ex-marido chegou muito bêbado em casa e queria bater nos meninos, mas eles já sabiam se defender e não aceitaram. Então o pai se masturbou na frente deles. Ela afirma que esse episódio foi a “gota d’água” para ela se separar.

Sandra sempre trabalhou o dia inteiro. Os meninos ficavam na escola e participavam de oficinas à tarde. Ela diz não saber foi que errou, pois diz que sempre fez de tudo para eles estarem ocupados, pois eles não ficavam sem atividade e nem sozinhos em casa. Ela diz: “... depois que mudaram para o polivalente que as coisas desandaram, por conta das amigas”. Ela se distancia da possibilidade de assumir um lugar na produção da transgressão e projeta na escola, nas amigas e nas condições externas o que também parece incluí-la.

Sandra diz que atualmente eles estudam de manhã, ficam em casa no período da tarde e fazem aulas de capoeira à noite. Ela explica que os meninos saem da escola, passam na creche para pegar a Bruna e seguem para casa. A vizinha vai até sua casa, prepara o jantar e fica com seus filhos até que ela chegue. Sandra tenta produzir uma montagem fictícia como se tudo estivesse perfeito.

Ela enfatiza que quando os filhos começaram a se envolver com o tráfico foi sua desilusão, pois ela jamais esperava por isso. Ela chora durante todo tempo que fala nesse assunto. Conta que perdeu os quatro empregos que tinha porque a polícia aparecia no emprego dela para levar os meninos e isso a constrangia enormemente. Sandra conta que isso tudo vem acontecendo no último ano. Antes disso ela nunca teve problemas com eles, nunca!

O envolvimento de Mateus e Cássio com o tráfico parece denunciar os problemas que a família tem e que antes não emergiam. Mateus saiu do centro socioeducativo e foi pra uma casa de recuperação em outro estado. A mãe já estava de mudança pra lá, estava aguardando apenas a liberação de Cássio da unidade localizada na cidade em que morava, mas sua saída foi adiada por três meses e nesse intervalo, Mateus voltou. Disse que Mateus estava gostando de ficar lá, mas teve que o trazer de volta, pois ele não podia ficar lá sozinho, sem a mãe estar morando na cidade.

Decepcionada e também desamparada, ela conta que um dia antes da entrevista saiu de casa à noite com a filha e deixou os filhos ficarem em casa, sem chave, com portão trancado, tudo isso para evitar que eles saíssem de casa. Quando Sandra retornou, eles não estavam, tinham pulado o muro. Diz que isso a deixou extremamente triste e decepcionada, porque tudo o que faz é “para o bem deles”. Ela fala de um sentimento de insegurança, como se tudo fosse acontecer novamente, como se eles tivessem envolvidos de novo com o tráfico e ela fosse refém de uma situação sobre a qual não tem controle.

### **Família 3 – *Tristeza, dor e angústia: que caminho procurar?***

#### **Meu contato com Bruno na instituição**

Bruno é um adolescente de vinte e um anos de idade, mora com a mãe, o padrasto e o avô. Tem um irmão mais velho, Caio, e uma filha de três anos. Bruno faz uso intenso de drogas variadas, como álcool, tabaco, maconha, cocaína, crack, e conta que já usou cola de sapateiro também. Começou a se drogar aos quinze anos.

Nos primeiros contatos, Bruno permaneceu mais reservado, não se expunha muito, não falava da sua vida. Com o passar do tempo, ele foi se apresentando como um adolescente que tenta seduzir pela fala, e tentava me envolver e passar uma imagem de arrependimento.

Bruno oscilava muito. Ora dizia querer mudar sua vida e procurar seguir um novo caminho, longe do mundo das ilegalidades, ora sentia-se tão parte desse mundo que não demonstrava interesse em mudança. Ele já teve inúmeras passagens pela delegacia, na maioria das vezes por roubo, mas também há registro de uma tentativa de homicídio. Dizia que precisava roubar para comprar drogas e alimentar seu vício, não demonstrando nenhum arrependimento pelas infrações que já cometeu.

#### **As histórias e dramas de uma família**

Ana, mãe de Bruno, foi desde os contatos por telefone, muito agradável, e demonstrou interesse em participar da pesquisa. No final, percebi que muito mais do que participar da pesquisa, Ana precisava de alguém para escutar suas tristezas e angústias. Quando cheguei à casa da família a mãe e o padrasto de Bruno, Marcos, estavam sentados em um banco no quintal, me esperando. Apresentamos-nos, perguntei sobre Bruno e logo Ana começou a falar sobre as dificuldades que tem enfrentado com ele. Ana estava abatida e falava de uma tristeza imensa.

Durante toda entrevista o padrasto Marcos permaneceu ao lado de Ana e diante das falas e dos seus gestos pude sentir que ele representa apoio e sustentação para ela. Eles estão casados há 16 anos, e ele se considera pai dos filhos (dois) dela, pois estão juntos desde o período em que os meninos eram crianças. Ana comenta que os meninos também o tratam como pai, mas que quando criança eles respeitavam mais o que ele dizia e ensinava e que hoje nem tanto, apesar da boa convivência. O pai de Bruno e de Caio morreu quando eles ainda eram crianças, Bruno tinha nove anos de idade.

Ana comenta que se casou pela primeira vez aos quatorze anos de idade, mas o casamento não deu certo; então, ela se separou e casou-se com o pai dos meninos. Esse relacionamento também não deu certo e ela se separou. Depois, conheceu Marcos e foram morar juntos.

Ana conta que quando o pai era vivo os meninos gostavam muito dele e tinham muito respeito, “se ele falasse alguma coisa com eles, eles já abaixavam a cabeça”. Diz que ela também sempre foi rígida na educação deles, que não deixava eles saírem de casa sozinhos, que tinham que estar sempre todos juntos.

Ela diz que seus pais sempre foram muito pobres e doentes. Ana não pôde estudar porque tinha que trabalhar para ajudar os pais. Ela diz: “a gente teve que parar de estudar para cuidar da casa né? Pra por comida dentro de casa...” e continua em outro momento da entrevista, “porque assim... a vida inteira eu abandonei a escola, abandonei tudo para cuidar deles”. Ana vai deixando nítido o papel que ela ocupa na família desde muito nova, o papel de “salvadora”, alicerce, aquela que tem que dar conta de tudo e cuidar de todos..

Ana conta: “... eu sou muito apegada com a família, sabe? O que acontece com qualquer um dos irmãos, com qualquer um da família, eles procura eu (...) A família toda vem atrás de mim, está me acabando, eu estou sumindo, sabe? Eu acabei menina, acabei mesmo”. Às vezes ela fica angustiada com a história de Bruno, com o uso incontrolável da droga, e não

consegue e não sabe como ajudá-lo. Ela diz que ela sempre conseguiu, ela sempre ajudou os outros, mas o seu filho ela não consegue.

Ana relata que o pai dos meninos era usuário de droga, mas descobriu isso anos depois de estarem juntos. Comenta que chegou um momento em que ele gastava todo o salário no bar, bebendo, pagando dívidas e não sobrava nada para ela e para os meninos. Fala que eles brigavam muitas vezes, mas que ela sempre tinha o cuidado de não deixar os meninos escutarem. Aqui ela parece negar desde o uso de drogas do marido até os efeitos das brigas conjugais nos vínculos com os filhos.

O padrasto fala que também costumava beber cerveja, mas que deixou de fazer isso para não servir de mau exemplo. Os dois contam que quando os meninos eram mais novos eles sempre saíam, iam comer pizza, sanduíche, sempre os quatro. Dizem que sentem falta dessa época, porque hoje em dia eles, principalmente Ana, não tem vontade de fazer mais nada, de sair de casa. É como se eles tivessem perdido suas crianças, perdido o controle que tinham e isso também produz sofrimento, dor, pois eles não sabem como agir ou a quem recorrer.

Ana e Marcos tentam demonstrar, durante a entrevista, preocupação e zelo dedicados aos filhos Bruno e Caio. Ana diz que sempre fez o melhor para eles, e que é aí que pode ter errado, em fazer demais, em querer prender demais.

O discurso de Ana gira em torno do seu sofrimento atual. Bruno, após ser liberado da internação no centro socioeducativo ficou sete meses sem usar nenhum tipo de droga e, agora, no último mês, ele retornou ao crack. A mãe, com muito sofrimento, fala sobre o que tem vivenciado e diz sobre sua dor ao ver seu filho naquela situação. Ana insiste em dizer que foi uma mãe muito presente e que sempre tentou fazer o melhor para os filhos. Relata que não os deixava na rua ou em festa enquanto novos. Ela parece olhar para um labirinto onde a sua condição materna não lhe indica direção ou alternativa, seja para o passado ou para o futuro.

Marcos conta que Bruno já respondeu por quarenta e seis processos de roubo. Ana conta, com os olhos cheios de lágrimas, que Bruno nesse último mês não fica mais em casa. Ele só vai a casa para tomar banho e trocar de roupa e logo sai novamente. Passa a madrugada fora e isso tem feito com que Ana não durma e não coma de tanta preocupação. Ela diz que quando seu celular toca, ela já fica aflita com medo de ser alguma notícia ruim do Bruno e, diz que, infelizmente, agora só podem acontecer duas coisas com ele: ou ser preso ou ser morto.

Ao relatar sobre o outro filho, Caio, irmão mais velho de Bruno, a história se repete. Caio também já foi preso e teve envolvimento com drogas. Recentemente levou cinco tiros de

uma desavença que tinha, não morreu e decidiu mudar de vida. Ana diz que ele mudou para uma fazenda para se afastar da cidade, casou, está trabalhando, tem um filho e está se mantendo longe das drogas. Ana e Marcos contam que Caio nunca usou crack e que quando descobriu que Bruno estava usando ele ficou extremamente bravo, chegando a buscá-lo na rua, o trancava dentro de casa, batia nele e dizia que ele nunca mais usaria.

Num dado momento da entrevista emerge a história de vida do pai biológico de Bruno e Caio. Ana relata que ainda quando jovem ele começou a roubar e a furtar casas. Ana expõe que não ele não fazia isso para comprar drogas assim como faz Bruno, mas porque ele tinha o “vício de roubar”. Conta que ele pulava as janelas das casas e mexia nas coisas das pessoas, pegava alguns bens e saía. Observo aqui um movimento de buscar pistas para o comportamento dos filhos, movimento este ancorado no “mau” exemplo do pai já morto. Uma vez mais Ana se apresenta como uma vítima impotente e desamparada, personagem de uma história que não consegue nomear.

Bruno tem uma filha de três anos com uma antiga namorada. Ana conta que o relacionamento dele com a mãe é permeado por brigas e ciúmes. Diz que a filha sente falta dele e pergunta por ele, pois desde o dia que ele voltou a usar crack ele não foi mais a casa delas. Ana ajuda a mãe da criança, que não trabalha, assim como Bruno. Ela compra fraude, leite e tudo que pode. Ela disse que nunca vai desistir de nenhum deles, que enquanto ela estiver viva ela vai lutar por eles sempre.

Entendo a história enquanto mais uma família vivenciando a amargura que o uso de droga carrega provoca; mas é ainda uma família única, com uma história singular de sofrimento, desespero e desamparo.

## **CONCLUSÃO**

Ao final deste estudo podemos destacar alguns aspectos que se repetiram nas histórias das famílias participantes da pesquisa. É explícita a fragilidade da figura concreta do pai ou da precária instalação da função paterna por outro cuidador. Com o ato infracional, a função antes exercida pelo pai, agora encontra outros representantes, como por exemplo, o Estado, os centros socioeducativos, ONGs e instituições estatais que vêm representar a lei simbólica e redimensionar o papel do pai, numa constante alusão repressora.

Como nos apresenta Vorcaro et. al. (2008), além da possível influência que a ausência da figura concreta do pai acarreta, há outro fator presente na vida desses adolescentes que é a precariedade do meio social em que os jovens estão inseridos. Sendo assim, um aspecto primordial que deve se levar em conta para a discussão dos adolescentes em conflito com a lei

é a maneira como cada um deles se apropria subjetivamente do contexto social em que está introduzido. Na fase da adolescência, há uma continuação da constituição do sujeito com recursos diferentes dos que ele tinha na infância, devido a maior possibilidade de realizar escolhas e à inserção mais concreta no campo social.

Portanto, concordamos com Vorcaro et. al. (2008) a partir dos achados desta pesquisa quanto à idéia de que tratar a criminalidade juvenil apenas do ponto de vista de uma falha na inscrição do Nome-do-Pai é abreviar os diversos fatores que estão envolvidos nessa problemática. Dito em outras palavras, são vários os aspectos, tanto psicológicos como sociais, que levam o adolescente a transgredir a lei.

Outra compreensão que podemos ter do ato infracional a partir da pesquisa vai de encontro como o Calligaris (2000) afirma quando diz que o adolescente força sua integração na comunidade opondo-se às regras da mesma. Entendemos que o adolescente pode encontrar no ato infracional uma forma de metaforizar algum desejo parental que não ocorreu durante a vida e que acabou sofrendo repressão. Então, é possível de abranger o ato infracional como tentativa, mesmo que sem sucesso, de fazer laço social.

O envolvimento com as drogas aparece como determinante do ato infracional nos levando a pensar que a droga pode ser para esses adolescentes uma forma de preencher algum vazio, alguma lacuna do seu desenvolvimento e até mesmo uma forma de se inscrever na sociedade.

Em relação às intervenções despendidas pela instituição socioeducativa quanto à manutenção do vínculo família-adolescente em conflito com a lei ao longo do processo de internação, analisamos, com base nos relatos das famílias entrevistadas, que elas se sentem desamparadas quando seus filhos são institucionalizados. Não se referem à instituição como espaço de apoio e troca, e também não confiam no trabalho realizado pelo centro socioeducativo, alegando que intervenções mais proficuas poderiam ser realizadas junto a eles.

Em linhas gerais, há um amplo número de aspectos que devem ser considerados ao tentar compreender a adolescência e a criminalidade, porém, é na organização familiar que encontramos sustentação para compreendermos o sujeito e seus desejos. Família essa que se encontra, na maioria das vezes, desamparada e marcada por intensas lutas e sofrimentos.

## **REFERÊNCIAS**



BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <http://blogs.unigranrio.com.br/formacaogeral/2012/08/31/a-nova-familia-brasileira/>. Acesso em: fev. 2013.

CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARAM, C. T. R. M. et. al. Família: o que sai desse baú? In: PORTUGAL, A. M. et al. O porão da família: ensaios de psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p 43-52.

CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. Brasília, 2006

CORREA, O. B. R. (2003). A transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.

CORREA, O. B. R. (2000). Os avatares da transmissão psíquica geracional. São Paulo: Escuta.

EIGUER, A. (1998). A parte maldita da herança. In: Eiguier, A. A Transmissão do Psiquismo Entre Gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica (pp. 21-84). São Paulo: Unimarco.

EIGUER, A. (1991). A identificação com o objeto transgeracional. *Jornal de Psicanálise*, 10, 93-109.

FAIMBERG, H. (2001). A telescopagem das gerações: a propósito da genealogia de certas identificações. In Kaës, R. et al. (Org.) Transmissão da vida psíquica entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FRANCISCHINI, R. & CAMPOS, H. R. Adolescentes em conflito com a lei e medidas socioeducativas: Limites e (im)possibilidades. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 3, pp. 267-273, set./dez. 2005

FREIRE, C. J. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 1986.

FREUD, S. (1913) Totem e Tabu vol.XIII In: ESB Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Op, cit, p. 229. v. 7 (1905)

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Op. cit., p. 87-171. v. 21. (1930)

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: Op,cit., p.91. v.17. (1920)

GARCIA, C. Clínica do social. Projeto, Belo Horizonte, 2000.

KAES, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In EIGUER, A. (Org.) A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.

- KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C. M. & MONTEIRO, D. S. F. de. A criança na contemporaneidade e a psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 29-38.
- LACAN, J. Os complexos familiares. Trad. Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 15.
- LASCH, C. Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEVISKY, D. L. Aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. In: David Léo Levisky. (Org.). Adolescência e Violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MELGAÇO, R.G. A lei familiar. In: PORTUGAL, A. M. et. al. O porão da família: ensaios de psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 55-63.
- NEVES, A. S. Família no singular, histórias no plural. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- OSÓRIO, L. C. Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PASSETI, E. (2004). Crianças carentes e políticas públicas. In: Mary Del Pior. (Org.). História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004. p. 347-375.
- PINHEIRO, C. B. (2008). Heranças familiares: transfusão ou transformação. PsiLogos - Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca, EPE, 68-81.
- PINHEIRO, A. A. A. de. A criança e o adolescente, representações sociais e processo constituinte. Psicologia em Estudo: Maringá, v. 9, n. 3, p. 343-355, 2004.
- SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei, 2009.
- SILVA, M. C. P. da. A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2003.
- SIMÕES, C. Curso de direito do serviço social. 3ª ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica de serviço social; vol. 3).
- TRACHTENBERG, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade: uma transformação possível. In Trachtenberg, A. R. C.; Kopittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. (Org.) Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- VIOLANTE, M. L. V. A perversidade da exclusão social. In: David Léo Levisky. (Org.). Adolescência e Violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VORCARO, A et al. Ato infracional e metáfora paterna. *Psicologia: Teoria e Prática*, 2008.

WADELLY, M. A família e sua dinâmica. In: BOX, S et. al. *Psicoterapias com famílias: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1994. p. 27-45.

WINNICOTT, C. (1984) Introdução. In: Winnicott, (1984) *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.